



ZONAS DE RESSACA

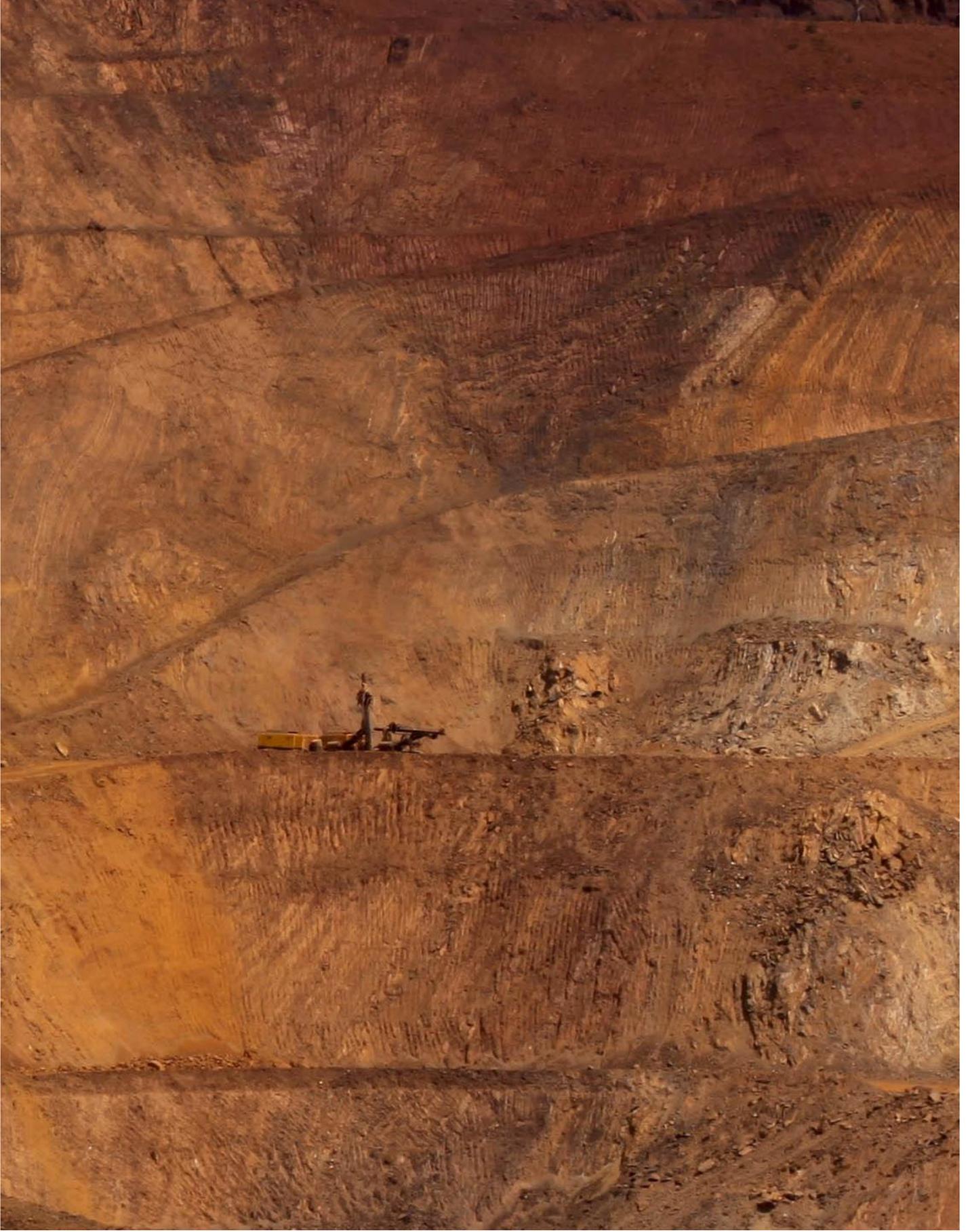
BACKWATER ZONES

Simone Cortezão

Como citar:

CORTEZÃO, Simone. Zonas de ressaca, *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 1, p.70-89, jan. 2019.

Ensaio recebido em outubro de 2018 e aprovado em dezembro de 2019.



Sobre os coletes alaranjados reluzentes da empresa, ainda restavam muitos pequenos espinhos de plantas e formigas. Dessas plantas e bichos que resistem à terra vermelha, aos lugares mais inóspitos e áridos. Lugares onde nada parece poder retirar da secura e da crosta de poeira que cobre cada uma das plantas e insetos que insistem em resistir. Pequenas raízes, lagartos, lagartixas e plantas de pequenos espinhos ou carrapichos.









Carregadores empurrando grandes máquinas e homens saindo de longas jornadas de trabalho. Até que um assobio de vapor fez com que voltasse o olhar naquela direção, um lago brilhava como um pântano, mas era a lama brilhante e viscosa. Houve um silêncio longínquo. Ao fundo uma escavadeira rangia regularmente na mina e de lá saía um grande tubo de lama que seguia até a lagoa cinza e de lama luminosa.

Aberta, a cava agora pode ser vista, a maquinaria já é terra também, fundida à paisagem. E assim, o vento e as explosões que conformam essa nova natureza soltam e levam os sedimentos de um subsolo e do seu tempo geológico. Esse acidente geográfico é levado em direção ao porto.



José, barqueiro do Porto de Tubarão, com aproximadamente 80 anos, descreve uma viagem de navio rumo à China. Não se sabe exatamente quando, mas ele descreve a embarcação, o dia a dia, a paisagem marítima, o horizonte infinito sem terra e o transporte de uma montanha até a China. A terra-montanha percorreu grandes distâncias em caminhões, guas, dutos e vagões de trem, foram meses e anos até chegar aos navios cargueiros.





Agora, os navios transitam dia e noite entre os oceanos, o intenso trânsito continua entre as rotas das terras descobertas. Mesmo com a capacidade de toneladas, os imensos navios são por vezes imperceptíveis. Entre as partidas e chegadas em portos distantes, neles são transpostas paisagens inteiras em alto mar, e o mar se transforma num fluxo insondável de matérias.



Pouco a pouco, uma imensa cava se abria e outras novas montanhas iam aparecendo. O vento já não vinha mais do oeste, agora vinha de várias direções, formavam-se redemoinhos quase que diariamente, suspendendo a terra solta. A nuvem de pó e todos os móveis com uma fina camada bege acumulavam a poeira que vinha com o vento. As fotos nas paredes agora superexpostas desapareciam. A foto da montanha que tirei da janela do quarto estava sem reflexo pelo pó que a encobria continuamente.



O bairro estava arrasado e sem habitantes, encharcado no cheiro de ferro, dezenas de casas em ruínas entre os matagais contra uma imensa torre ao fundo, caminhonetes Hilux passando a todo momento e junto uma fina névoa de poeira suspensa nas passagens. O bairro era deserto, mesmo com as dezenas de caminhonetes circulando por toda a parte. Como em um lugar ilhado, os poucos que restavam ao desmanche se aquietavam dentro de casas sonolentas num silêncio febril. O que marcava o lugar era o barulhento zumbido dos tratores, alarmes e ecos das pás das escavadeiras. Com a poeira que engolia e cobria o que restava num imemorial, assentava o bairro invisível.

Como uma zona de ressaca, aquele era o lugar do encontro dos fragmentos da natureza, da economia e do desastre. Incompleto como os estilhaços de um lugar após ser arrombado, que carrega os lapsos e as sobras improdutivas.





A memória parece aquele lugar onde a gradual poeira se acumula, e se encontra sobre os móveis, álbuns, livros e fotografias. Quase sempre uma imagem desbotada, superexposta, quase branca e já quase fóssil, ou algum fantasma que nos assombra e se esconde na neblina. Ora a memória como o instante capturado em uma imagem, ora como registro escrito. Para a geologia, na natureza essa memória está em terras remotas, é a memória mineral, da folha caída, dos restos de animais, de insetos e de toda a matéria do passado acumulada e transformada ao longo dos anos, e que agora está bem debaixo dos nossos pés. O subsolo como a memória da natureza do mundo.



* still do filme Navios de Terra/ Land Vessels 2017